



VIOLÊNCIA

Letalidade policial sobe e negro é a maior vítima

Dados referem-se a 2025 e foram colhidos nos nove estados acompanhados pela Rede Observatórios da Segurança. A pesquisa mostra aumento de 6,4% na brutalidade dos agentes da lei. Do total de mortes, 86,3% são de jovens negros

» RAFAELA BOMFIM*

As mortes provocadas por intervenções policiais aumentaram 6,4% em 2025 nos nove estados acompanhados pela Rede de Observatórios da Segurança. O levantamento identificou 4.330 vítimas em Amazonas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pará, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro e São Paulo. Os dados mostram que 86,3% dos mortos eram negros e que a maior parte das ocorrências envolveu homens com até 29 anos, evidenciando a permanência de um perfil que se repete ao longo dos anos.

O estudo integra a sétima edição do relatório, *Pele Alvo: entre Racismo e Letalidade, o Amanhã*, divulgado pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), divulgado ontem. De acordo com o documento, 3.104 vítimas eram pretas ou pardas e 2.804 tinham até 29 anos, o equivalente a 64,8% do total. Entre elas, estavam 310 crianças e adolescentes.

Segundo o levantamento, pessoas negras apresentam, em média, quatro vezes mais risco de morrer em ações policiais do que pessoas brancas. Quatro estados alcançaram, em 2025, os maiores índices de letalidade policial desde o início da série histórica, em 2019. São Paulo registrou 834 mortes; Pará contabilizou 632; Ceará chegou a 200; e Maranhão somou 142 vítimas. O estudo também aponta crescimento no Rio de

Janeiro, com 800 mortes, enquanto a Bahia permaneceu com o maior número absoluto entre os estados monitorados, registrando 1.570 casos ao longo do ano.

Só 19 dias sem morte

Na Bahia, apenas 19 dos 365 dias de 2025 não tiveram mortes decorrentes de ações policiais. Embora as pessoas negras representem 79,7% da população estadual, elas correspondem a 93,9% das vítimas. O relatório destaca ainda que 12 municípios concentraram metade de todos os registros de letalidade no estado.

Em São Paulo, a alta ocorreu mesmo diante da redução de indicadores como furtos, roubos e latrocínios. A capital respondeu por 30,5% das ocorrências e as pessoas negras representaram 64,6% dos mortos.

No Rio de Janeiro, mais da metade das mortes ocorreu na capital. A população negra corresponde a 57,8% dos habitantes, mas representou 89,5% das vítimas. A taxa de letalidade foi de 6,3 mortes por 100 mil habitantes negros contra 1,1 entre brancos, o que significa risco seis vezes maior para pessoas negras.

O Pará também bateu recorde da série histórica. Belém, Ananindeua e Marituba concentraram quase um terço das ocorrências. A maioria das vítimas tinha entre 12 e 29 anos, enquanto a Polícia Militar respondeu por 89,7% das mortes

Fernando Frazão/Agência Brasil



Ato contra violência policial no Rio de Janeiro: estatísticas mostram ser frequente o negro como vítima

oficialmente registradas.

No Ceará, pessoas negras corresponderam a 87,1% das vítimas. O relatório ainda critica a alteração da nomenclatura utilizada pelo governo estadual para classificar essas ocorrências, argumentando que a mudança modifica a forma como os casos passam a ser

registrados oficialmente.

O Maranhão apresentou crescimento de 86,8% em relação ao ano anterior e consolidou uma tendência de aumento observada na última década. Mais da metade das vítimas tinha até 29 anos e 83,1% dos óbitos foram atribuídos à PM. O documento também aponta que

54,9% dos registros não informam a raça ou a cor das vítimas.

Pernambuco registrou aumento de 30,8% nas mortes provocadas por ações policiais. Pessoas negras representaram 94,4% das vítimas e apresentam risco 11 vezes maior de morrer nessas circunstâncias em comparação com pessoas

86,3%

das mais de 4 mil mortes registradas pelo levantamento, nos nove estados pesquisados, eram de homens negros

brancas, a maior diferença entre os estados monitorados.

O Amazonas manteve 43 mortes. No estado, pessoas negras corresponderam a 96% das vítimas, maior proporção observada pelo levantamento. O relatório ainda chama atenção para a ausência de registros de vítimas indígenas.

O Piauí foi o único estado a reduzir a letalidade policial, com queda de 16,7%. Os pesquisadores relacionam esse resultado à adoção de protocolos antirracistas, à criação da Superintendência de Promoção da Igualdade Racial e ao fortalecimento da fiscalização por órgãos de controle, universidades, movimentos sociais e Ministério Público.

O relatório aponta falhas na identificação racial das vítimas, principalmente no Maranhão e no Ceará. Para a Rede de Observatórios da Segurança, a ausência dessas informações dificulta um diagnóstico sobre os impactos da violência policial.

Faxineira suspeita de matar casal a facadas em BH

» QUÉREM HAPUQUE
» WELLINGTON BARBOSA

O casal Maria Clotilde Moreira Maciel Atala Inácio, de 76, e o marido, o advogado Cláudio Atala Inácio, de 75 anos, foi encontrado morto dentro do apartamento em que morava, no bairro São Pedro, em Belo Horizonte. A principal suspeita do que a polícia acredita ser um latrocínio é Paola Stefany Neto Cirino, de 30 anos, que trabalhava para os dois idosos como faxineira e está foragida. Câmeras de segurança a flagram entrando e saindo do prédio onde ocorreu o crime com roupas diferentes.

Os corpos de Maria Clotilde e de Cláudio foram encontrados na tarde de terça-feira, com lesões provocadas por arma branca, sobretudo no tórax. A perícia constatou que o casal teria sido morto com pelo menos 24 facadas, tanto que ambos apresentavam sinais de que tentaram se defender durante o ataque.

Um dos filhos do casal encontrou os corpos após estranhar a ausência dos pais no escritório de advocacia onde trabalhavam. Não havia sinais de arrombamento no

imóvel, mas alguns objetos teriam desaparecido do apartamento. Henrique Maciel, sobrinho das vítimas, relatou que Maria Clotilde e Cláudio estavam em diferentes cômodos do apartamento.

“Os dois foram esfaqueados. Minha tia estava na sala e meu tio no quarto”, afirmou, o que corrobora a informação passada por testemunhas que havia multosangue nos cômodos onde os corpos foram encontrados.

Parentes informaram que o último contato com o casal ocorreu um dia antes, o que, para os investigadores, pode indicar que o crime tenha sido cometido naquele dia.

Formado em direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Cláudio fundou, em janeiro de 1995, um escritório de advocacia na Avenida do Contorno. Ao longo dos anos, a banca consolidou atuação no estado e, mais recentemente, passou a se chamar Atala Inácio & Advogados Associados. Desde 2017, o escritório funciona no bairro Lourdes.

Nas redes sociais, clientes, colegas e conhecidos lamentaram a morte do casal. Diversas mensagens destacam Cláudio como um

Fotos: Reproduções/Câmera de segurança



Paola chega para trabalhar de blusão com inscrições

profissional competente, educado, atencioso e sempre bem-humorado. Pessoas próximas também relataram que ele e a mulher eram apaixonados por viagens.



Na saída, ela é flagrada vestida de forma diferente

Recomendação

Suspeita de matar o casal, há um registro de Paola chegando supostamente para trabalhar, por

volta das 7h30. Ela usava um blusão escrito “USA” na frente. Na saída, por volta das 15h30, veste um blusão em que nada está escrito.

Ela foi recomendada por um

primo de Maria Clotilde para trabalhar como faxineira na casa dela e de Cláudio. “Nós sentimos por toda a família, inclusive por ele (o primo) que a indicou. Ela já tinha falado que ele era uma pessoa muito boa, que sempre a ajudou. Se é que foi ela mesmo, a injustiça que foi, o nosso sentimento é até por ele”, afirmou a tia da suspeita, Nilze Neto.

Segundo Neusa Neto, mãe da suspeita, Cláudio tratava Paola muito bem e tinha uma boa relação com ela. “Ele era muito bom para ela. Às vezes, até dava carrinhos de brinquedo para o menino (filho da faxineira). Ela tinha encontrado uma pessoa boa para trabalhar”, disse.

Segundo a mãe de Paola, a filha tinha problemas com dívidas de apostas. Ela disse que a família quitou uma dívida de R\$ 40 mil que Paola contraiu no “Jogo do Tigrinho”.

“Isso tem cerca de um ano. Fizemos empréstimos em banco, meu cunhado ajudou, meus irmãos também. Todo mundo fez empréstimo para ajudar ela”, contou Neusa.

TRAGÉDIA NO SUL

Pesquisa mostra abalos da enchente no RS

» CAETANO YAMAMOTO*

Os efeitos do desastre climático que assolou o Rio Grande do Sul, em 2024, são sentidos até hoje no estado. É o que mostra a *Pesquisa Especial sobre as Enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul* (PEERS), divulgada ontem pelo Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foram afetadas 6.333.727 pessoas, além de 2.328.093 domicílios nas áreas mais atingidas pelas enchentes. Ao todo, 133 municípios integraram o levantamento, realizado entre 15 de setembro de 2025 e 27 de fevereiro de 2026.

De acordo com a pesquisa, entre

os moradores afetados pelo desastre, 14,6% mudaram de endereço — 922.233 pessoas. Desse grupo, 37,9% foram motivados pelas chuvas e, dos que se mudaram, 28,3% viviam em domicílios com renda de até R\$ 2 mil. Ao considerar a renda domiciliar mensal dos moradores à época das enchentes,

4.231.602 (66,8%) cidadãos estavam concentrados na classe de rendimento de até R\$ 5 mil.

Segundo o estudo, a saúde mental foi a mais atingida na vida pessoal dos moradores — 67,5% falaram que tiveram o psicológico abalado devido ao desastre, 58,4% tiveram interrupções na vida

social ou no convívio com família ou amigos, e 57,3% mencionaram dificuldade no deslocamento para trabalho, escola ou creche.

A pesquisa perguntou aos participantes o que melhorou ou piorou após a enchente. Os percentuais de piora foram superiores aos de melhora para os seguintes itens: acesso aos serviços de saúde (22,3% contra 14,7%), fornecimento de água (17,7% x 10,5%), escoamento da

água da chuva (29,3% x 14,1%), esgotamento sanitário (17,2% x 8,9%) e transporte coletivo (23,2% x 8,7%). Por outro lado, foram maiores as proporções que incidiram em melhora de fornecimento de energia elétrica (11,7%), iluminação de rua (19,1%) e limpeza de logradouros públicos (17,8%).

*Estagiários sob a supervisão de Fábio Grecchi